

## VITORIANO BRAGA

(Lisboa, 11/07/1888 – Lisboa, 30/ 01/1940)

Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga foi tradutor e crítico de teatro, tendo-se dedicado à dramaturgia no período conturbado da Primeira República, escrevendo peças cuja modernidade marcou o panorama teatral português.

A carreira teatral do autor principia em 1908 com *A Bi*, peça em 3 actos, escrita em colaboração com João Vasconcelos e Sá, apresentada no Teatro Nacional Almeida Garrett em 1911, e termina em 1928 com *Lua-de-mel*, representada no Teatro Ginásio. A primeira é representativa do teatro de análise social que prossegue em *O «Salon» de Madame Xavier* (Teatro Nacional, 1918), cujo alvo das críticas é uma burguesia oportunista, e na peça em 5 quadros *A casaca encarnada* (Teatro Politeama, 1922), em que um clube nocturno da capital serve de cenário à decadência burguesa do pós-guerra.

Luiz Francisco Rebello distingue o elemento psicológico como traço relevante de outras obras, destacando, por exemplo, a inovação temática em *Octávio* (Teatro Nacional, 1916, com música de Luís de Freitas Branco), drama centrado na personalidade do protagonista, cuja homossexualidade se menciona em alusões, por um «*não-dito* que as peias morais e sociais da época não permitiam que se dissesse claramente» (Rebello 2010: 251). As sugestões ao tema afastam o público e a peça tem apenas seis récitas, mas Fernando Pessoa verá nela o paradigma da obra dramática moderna, guiada por um seguro instinto artístico que alia a cultura científica ao ideal dramático em que «a tese, conclusão ou filosofia do drama seja sugerida pelo seu enredo ou conjunto» (Pessoa 1966: 87). Ainda no âmbito de uma «dúbia sensualidade», Rebello identifica e inscreve *Inimigos* (1925, representada no Teatro Politeama, 1926), *Entre as cinco e as oito* (publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 1 de Dezembro de 1927) e *Lua-de-mel* (1927, levada à cena, como acima referido, no Teatro do Ginásio, 1928), considerando-as congéneres de *Sombras*, de Veiga Simões, *Amizade* de Mário de Sá-Carneiro e Tomás Cabreira Júnior, e *Alma*, ainda por Mário de Sá-Carneiro, desta vez em colaboração com António Ponce de Leão (Rebello 2010: 251).

Para Glória Bastos e Ana Isabel Vasconcelos, o autor representa a «tendência de análise social de fundo burguês e de uma certa incompreensão no seu tempo», de cuja obra se destacam, justamente, *Octávio*, e *O «Salon» de Madame Xavier*, sobre a qual pronunciam-se como segue: «[s]átira a uma burguesia que busca a promoção social, mas integrando-se melhor no “horizonte de expectativas” do público, foi um êxito relativo junto deste. Ainda assim, por altura da estreia, vaticinava um articulista do *Jornal de Notícias* que «a charge que está em cena no Nacional teria outro sucesso no Ginásio, talvez. Ali, passará rápida existência porque o público do Nacional, assim retratado em desapiadada caricatura afasta-se da bilheteira» (Bastos / Vasconcelos 2004: 102-103). Outro comentador desse tempo, Roque da Fonseca, para além de mencionar a diatribe sobre um presumido plágio da peça *O conde-barão* (da famosa «Parceria», composta por Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos), havendo quem defendesse o contrário, refutando os argumentos de uns e outros, afirma que «*O Conde-Barão* é uma peça com muita graça, um acto teatralmente bom e inverosimilmente traçadas e *O Salon* é uma comédia de observação e espírito crítico em que a maioria das figuras nem

chegam a ser caricaturas, mas apenas... retratos sem retoques [...] o seu auctor tem o dever de trabalhar e persistir, para em obras de maior folego demonstrar o seu muito merecimento.» (Fonseca 1918: 85). Sobre *A casaca encarnada*, que mantém o foco na falência moral e económica da sociedade contemporânea, apesar de não ser «uma “obra impecável”, foi recebida com agrado do público, sinal de que “os defeitos de composição lhe podem ser perdoados pelas qualidades que possui”» (*ibid.*: 104).

Da produção do autor fazem parte duas outras peças. A comédia *Extremo recurso*, em dois actos «género guignol», não terá chegado à cena, tendo sido redigida em 1914 e publicada em 1917 na revista *Raios X*. *O conselho da noite* é representada no Teatro Chiado-Terrasse de Lisboa em 1921, mas tem uma fraca recepção (Bastos / Vasconcelos 2004: 103), não chegando sequer à publicação e sendo hoje considerada perdida.

As relações de Vitoriano Braga com o teatro estendem-se à crítica, actividade que exerce na revista *De Teatro*, desde o primeiro número, publicado em Setembro de 1922, até Janeiro de 1923. Duarte Ivo Cruz dará esta e outras raras notícias sobre a vida do dramaturgo, que foi comissário do Teatro Nacional Almeida Garrett e vogal do Conselho de Leitura entre 1924 e 1933 (Cruz 1999: 9), bem como tradutor de peças de autores franceses, mas não só, contando-se Edouard Bourdet (*A hora do amor*), Robert Cedric Sherriff (*Fim da jornada*), Louis Verneuil (*Uma mulher arrebatada* e *Cinco milhões*), Bayard Veiller (*O processo de Mary Dugan*), Paul Nivoix (*Filha de Eva*), Henrik Ibsen (*O pequeno Eyolf*), e os Irmãos Quintero (*O tambor e o guiso*), entre outros.

Apesar de interromper cedo a sua carreira de dramaturgo, escrevendo apenas nove peças, Vitoriano Braga é colocado pelos historiadores de teatro a par de outros autores mais férteis, cuja obra soube captar as dissonâncias do seu tempo. Assim Luiz Francisco Rebello olhou para o conjunto da sua criação: «Embora inscritas no molde naturalista fixado pelos dramaturgos franceses do primeiro quartel do século entre os quais a sombra de Henri Bataille avulta, com a sua dúbia sensualidade, as peças de Vitoriano Braga oferecem, com as suas contemporâneas de Alfredo Cortez, Carlos Selvagem e Ramada Curto, um documentário impressionante da falência económica e moral da sociedade burguesa do após-guerra» (Rebello s/d: 104).

O autor foi, ainda, um «provável diletante da fotografia, mas fotógrafo modernista entre os modernistas» (Serra 2014: 15), tendo captado imagens de Fernando Pessoa, de Almada Negreiros, que desenhou o cartaz da sua peça *Casaca encarnada*, de Guilherme de Santa-Rita, entre outras figuras próximas do círculo do *Orpheu*. Muitos desses retratos foram amplamente difundidos, tornando-se imagens emblemáticas dos artistas do modernismo português.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Glória / VASCONCELOS, Ana Isabel (2004). *O teatro em Lisboa no tempo da Primeira República*. Lisboa: IPM, Museu Nacional do Teatro.

CRUZ, Duarte Ivo (1999). «Introdução ao teatro de Vitoriano Braga» in Vitoriano Braga, *Teatro completo (com peças inéditas)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Biblioteca de Autores Portugueses.

FONSECA, Roque da (1918). «Apreciações» in *O Teatro* n.º 5. Abril, pp. 85-86. Consultado em <<http://ww3.fl.ul.pt/CETbase/imgLib/imgBrowser.aspx?oT=RegistoFacsimile&pN=docID&pV=20836>> (data de acesso: 10 de Outubro de 2017).

PESSOA, Fernando (1966). «Fragmento» in *Páginas de Estética e de Teoria Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática. Consultado em <<http://arquivopessoa.net/textos/3925>> (data de acesso: 19 de Agosto de 2017).

REBELLO, Luiz Francisco (2010). *Três espelhos: uma visão panorâmica do teatro português do Liberalismo à Ditadura (1820-1926)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Temas Portugueses.

\_\_\_ (dir.) (s/d). *Dicionário do teatro português*. Lisboa: Prelo.

SERRA, Filomena (2014). «Vitoriano Braga, homem de teatro e fotógrafo amador». Comunicação apresentada no colóquio *Workshop Fotografia-Investigação-Arquivo*, Museu Nacional do Teatro, 7 e 8 de Maio de 2014. Consultado em <[https://www.academia.edu/12679243/\\_Vitoriano\\_Braga\\_Homem\\_de\\_teatro\\_e\\_fot%C3%B3grafo\\_amador\\_](https://www.academia.edu/12679243/_Vitoriano_Braga_Homem_de_teatro_e_fot%C3%B3grafo_amador_)> (data de acesso: 16 de Agosto de 2017).

**Rita Martins**

**Sebastiana Fadda**